



PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE A ATUAÇÃO DA EQUIPE MULTIDISCIPLINAR NA ESCOLA ESPECIAL

Ana Elisabete F. de Paula Rosário¹
Bruna Cassol²
Eloise Benacchio³
Giovana Romero Paula⁴
Jenane Topanotti⁵
Karlla Cassol⁶

RESUMO: A APAE enquanto escola regular de ensino voltada à educação de pessoas com deficiências intelectuais e múltiplas faz surgir a necessidade de uma rede de apoio, com enfoque intersetorial que integre áreas de política de base como a da Saúde, Assistência Social e Trabalho. A atuação da equipe multiprofissional da saúde tem por proposta o amparo aos professores em questões que fogem da sua ciência, mas que interferem no desempenho pedagógico. Observa-se na prática da escola especial, ineficiência nessa articulação, estando o pedagógico distanciado do trabalho da saúde. **Objetivo:** Este trabalho teve por objetivo verificar e analisar a percepção e conhecimento dos professores sobre a atuação da equipe multidisciplinar no contexto da Escola Especial. **Percursos metodológico:** As autoras elaboraram um questionário semi-direcionado, com questões abertas que explanavam acerca do conhecimento dos professores sobre a equipe. **Resultados e discussão:** Foi possível observar no decorrer do trabalho que equipe multidisciplinar na educação é um assunto relativamente novo e a atuação profissional tanto de professores quanto dos sujeitos da equipe técnica mantém uma atuação individual por conta da própria formação recebida, o que dificulta uma visão mais abrangente de um trabalho cooperativo entre os diferentes profissionais.

Palavras-chave: Educação Especial; Equipe Multiprofissional; Interdisciplinaridade.

INTRODUÇÃO

A atual política educacional brasileira estabelece uma proposta de educação voltada a todos, com premissa ao atendimento integral dos alunos no sistema de

¹ Acadêmica de Fonoaudiologia – Centro Universitário Assis Gurgacz

² Mestranda em Educação na Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

³ Mestranda em Fonoaudiologia – USP Bauru

⁴ Mestre em Distúrbios da Comunicação – UFSM. Coordenadora do curso de Fonoaudiologia no Centro Universitário Assis Gurgacz.

⁵ Doutoranda em Saúde Coletiva – UNICAMP. Docentes em Fonoaudiologia no Centro Universitário Assis Gurgacz.

⁶ Doutoranda em Fonoaudiologia – USP Bauru. Docentes em Fonoaudiologia no Centro Universitário Assis Gurgacz.



4º Congresso de Educação

3º Seminário de Letras

3º Simpósio de Psicologia do Esporte

2º Diálogos em Psicologia

Educação, Diversidade e Inclusão



ensino, independente de suas diferenças. Dentre os documentos que pautam essa proposta educacional, está a Declaração de Salamanca (1994), que preconizou a educação para todos. Tal documento alavancou as discussões acerca da inclusão de alunos com necessidades especiais, de forma que, segundo o documento, todo aluno deve ter acesso ao ensino regular, desde o início de seu processo de escolarização, necessitando a escola adaptar-se ao aluno, e não mais o inverso (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994).

Mudanças e reformulações constitucionais na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional também são consideradas marcos no desenvolvimento histórico da educação especial, pois deram mais atenção na constituição ao tema, definindo na Lei nº. 9.394 de 20/12/96, cap V, art 58 que define a educação especial como uma a “modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos que apresentam necessidades especiais” (MEC, Lei nº 9.394, de 20/12/96, Diretrizes e Bases da Educação Nacional).

Em meio a essas discussões e reformulações educacionais, surge a figura dos profissionais da saúde, que compõem a Equipe Multidisciplinar inseridos na escola especial, no intuito de mediar e contribuir para que o processo de ensino-aprendizagem ocorra efetivamente, promovendo assim a efetiva inclusão.

A equipe multidisciplinar pode ser definida como:

um grupo de indivíduos com contributos distintos, com uma metodologia compartilhada frente a um objetivo comum, cada membro da equipa assume claramente as suas próprias funções, assim como os interesses comuns do coletivo, e todos os membros compartilham as suas responsabilidades e seus resultados (ZURRO; FERREROX & BAS,1991, p. 29).

Dentro dessa perspectiva a equipe multidisciplinar é integrada por diversos profissionais de áreas diferentes: professores, pedagogos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, psicólogos, psiquiatras e assistente sociais. Juntos partilham dos mesmos objetivos na educação especial, voltados para as necessidades do aluno, relacionando os saberes de forma a contribuir na resolução das necessidades de cada educando.



Cabe ao professor desenvolver atividades com objetivos previamente planejados, buscando explorar o máximo da aprendizagem, desenvolvendo as potencialidades de cada aluno, respeitando sua singularidade. Essa tarefa é tida como desafio, considerando a diversidade de comprometimentos de cada sujeito da escola especial.

A definição das competências deste profissional está na Resolução CNE/CEB de 2001, que no seu artigo 18, define que:

Professores especializados em Educação Especial aqueles que desenvolverem competências para identificar as necessidades especiais, para definir, implementar, liderar e apoiar a implementação de estratégias de flexibilização, adaptação curricular, procedimentos didático-pedagógicos e práticas alternativas, adequadas ao atendimento das mesmas, bem como trabalhar em equipe, assistindo ao professor de classe comum nas práticas que são necessárias para promover a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais (BRASIL, 2001).

No que se refere à Fonoaudiologia seu principal objeto de estudo é a comunicação humana, sendo uma ciência que tem por meta a prevenção, o diagnóstico e tratamento de alterações da comunicação oral e escrita, voz e audição (BRASIL/ CFFa, 2007). A Resolução CFFa nº 309/2005 dispõe sobre a atuação do Fonoaudiólogo na educação especial, dentre outras atribuições, acrescentando que além do atendimento clínico nas áreas citadas deve contribuir no planejamento educacional, desenvolvendo ações, em parceria com os educadores, que contribuam para a promoção, aprimoramento, e prevenção de alterações dos aspectos relacionados à audição, linguagem (oral e escrita), motricidade oral e voz e que favoreçam e otimizem o processo de ensino e aprendizagem.

A Fisioterapia é definida como uma ciência aplicada, cujo objeto de estudos é o movimento humano em todas as suas formas de expressão e potencialidades, quer nas suas alterações patológicas, quer nas suas repercussões psíquicas e orgânicas, com objetivos de preservar, manter, desenvolver ou restaurar a integridade de órgão, sistema ou função (COFFITO 80, 1987).

Em âmbito escolar, cabe a esse profissional observar esses alunos com deficiências, orientar a equipe e buscar soluções que auxiliem essas pessoas no que se referem, entre outros aspectos, às questões posturais, de locomoção, de



adequação do mobiliário escolar e recursos pedagógicos visando sua funcionalidade e participação ativa no meio, além de intervir no campo social, modificando, de certa forma, atitudes e posicionamentos da comunidade escolar (SARAIVA; MELO, 2011; SILVA; SANTOS; RIBAS, 2011; MELO; FERREIRA, 2009; PENA; ROSOLÉM; ALPINO, 2008;.

O Psicólogo por sua vez, em ambiente escolar desempenha atividades de suporte aos professores de educação regular e especial por meio da coleta e da busca de dados relacionados às crianças e suas dificuldades; investigando as possíveis variáveis que interferem na manutenção dos problemas; analisar condições ambientais e interpessoais; propondo e desenvolvendo estratégias e planos de intervenção, como também avaliando os resultados dessas ações (MEIRA, 2003).

O trabalho do Assistente Social volta-se ao desenvolvimento de ações sócio-educativas de cunho humanizador junto às famílias, com o objetivo de facilitar a relação interpessoal de seus membros, sua integração na comunidade e conseqüentemente a inclusão social. Objetiva também identificar e atender as demandas provenientes da questão social que perpassa o cotidiano do campo educacional. Atua com o objetivo de preparação das famílias e crianças atendidas pela escola para a autopromoção e inclusão social, buscando assim a minimização das desigualdades decorrentes da vulnerabilidade social que a deficiência e a carência promovem (ALMEIDA, 2006).

A Terapia Ocupacional é a área da saúde que atua na reabilitação e habilitação funcional de pessoas que por qualquer problema, seja de origem física, emocional ou social não consigam realizar as atividades básicas que promoverão independência e autonomia, aquisição dos requisitos para continuidade no desenvolvimento humano e promoção do bem-estar biopsicossocial. As adaptações de materiais e ambientes beneficiam os deficientes a nível físico, porém os deficientes intelectuais necessitam de adaptações que trazem o conteúdo pedagógico programático em atividades concretas que permitam, dentro da capacidade do aluno, que ele assimile e possa utilizar do conhecimento de maneira funcional (GEBRAEL, 2011).



O Psiquiatra faz o diagnóstico médico da deficiência mental. Os principais sintomas que leva a busca do profissional são: transtornos da conduta; agressividade; impulsividade, sintomas ansiosos, alterações do sono, condutas auto-lesivas, sintomas psicóticos e sintomas afetivos. Alterações de comportamento como agitação psicomotora, sintomas psicóticos, agressividade e impulsividade podem ocorrer em crianças, adolescentes e adultos com deficiência intelectual e/ou múltipla, prejudicando o seu desenvolvimento social. Tais alterações muitas vezes requerem auxílio de medicações, com associação às intervenções psicológicas e familiares, sendo função do psiquiatra a prescrição e orientação de medicações (BAUTHENEY, 2011).

Como observado, as diferentes funções constitutivas da Equipe Multidisciplinar conforme áreas de formação são exercidas por profissionais com formação específica nas diferentes áreas para o exercício da função, conforme necessidades e possibilidades (MELO, 2011). O planejamento dessa equipe deverá contemplar as atividades e ações complementares e de apoio ao processo de ensino aprendizagem, família e a comunidade onde os educandos estão inseridos.

No entanto observa-se na prática da escola especial, ineficiência nessa articulação, estando o pedagógico distanciado do trabalho da saúde. É possível que isso se dê pela dificuldade de integração dos saberes, evidenciando carência no conhecimento da área dos colegas. Percebe-se a dificuldade de integração dos saberes, e embora o trabalho seja pautado numa perspectiva interdisciplinar a ausência de conhecimento sobre as ciências dos demais profissionais que trabalha.

Com base nisto, o objetivo desta pesquisa é verificar e analisar a percepção e conhecimento dos professores sobre a atuação da equipe multidisciplinar no contexto da Escola Especial.

PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa foi realizada na Escola Jean Marc Itard - Educação Infantil e Ensino Fundamental na Modalidade Educação Especial, em Ibema, interior do Paraná, Brasil no ano de 2014. Esta escola atende alunos na faixa etária de 0-1 a 50



anos, portadores de deficiências mentais e/ou múltiplas, ou com atraso significativo no desenvolvimento, para estimulação precoce.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa uma vez que esta valoriza aspectos da subjetividade das pessoas e das especificidades dos seus grupos sociais e profissionais; do interesse pela própria atuação como profissional, do conhecimento próprio e construído pelo assunto, das percepções e da concepção que têm sobre a atuação da equipe multiprofissional na escola, constituída pelos professores, pedagogo, fonoaudióloga, fisioterapeuta, psicóloga, terapeuta ocupacional, psiquiatra e assistente social.

Num primeiro momento obteve-se autorização da direção das escolas para realização da pesquisa. Foram incluídos na pesquisa todos os professores regentes das turmas, os professores titulares das disciplinas extras (educação física e artes), os auxiliares de sala, bem como a direção da escola, a equipe pedagógica e psicopedagógica, que aceitaram sob livre demanda participar da pesquisa.

Inicialmente foi elaborado pelas pesquisadoras um questionário de identificação, contendo as questões relativas à formação do professor e especializações e tempo de atuação em escola especial. Após isso consta o questionário principal que aborda cinco perguntas dissertativas abertas sobre as temáticas e problemáticas que envolvem a equipe multidisciplinar, sua caracterização, atuação e a contribuição dessas no processo de ensino-aprendizagem.

As respostas obtidas serão apresentadas de tal forma que permitam fazer uma análise do conteúdo. A amostra populacional foi de livre demanda, e a coleta ocorreu entre maio e julho de 2014.

A pesquisa será realizada respeitando-se a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde / CONEP. Não há riscos para os sujeitos e todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As identidades de todos os participantes sujeitos foram preservadas, sendo garantido sigilo absoluto em relação aos dados pessoais dos indivíduos.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

ISSN 2318-759X



4º Congresso de Educação

3º Seminário de Letras

3º Simpósio de Psicologia do Esporte

2º Diálogos em Psicologia

Educação, Diversidade e Inclusão



Participaram deste estudo seis professores, duas auxiliares de sala, e uma gestora que exerce a função de pedagoga e diretora simultâneas. Apenas dois participantes convidados não responderam e/ou não entregaram os questionários na data prevista, sendo excluídos da pesquisa. Os participantes incluídos na pesquisa exercem suas funções profissionais atualmente na Escola Jean Marc Itard de Ibema-PR. A instituição pesquisada desenvolve seus trabalhos com alunos de Educação Infantil e Ensino Fundamental na Modalidade Educação Especial, conta atualmente com 37 alunos.

Os profissionais que compõem a equipe Multiprofissional da saúde são constituídos pela fonoaudióloga, fisioterapeuta, psicóloga, assistente social, terapeuta ocupacional e psiquiatra, desempenhando cada qual seu trabalho na própria instituição, realizando atendimento clínico, escolar e social, articulando seus saberes com o planejamento pedagógico e visando diminuir os problemas e dificuldades extra-escolares que interferem no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, os quais só a pedagogia por si só não dá conta. A carga horária de cada profissional se difere, sendo de 4 horas/mês até 20 horas/semanal.

A maioria dos participantes era do sexo feminino, sendo oito mulheres (~90%) e um homem (~10%). Em relação à faixa etária, houve a variação de 26 a 45 anos: 5 pessoas (55%) encontrava-se na faixa etária de 40 a 49 anos, 2 pessoas (22,5%) apresentava idade na faixa de 30 a 39 anos, e os outros 2 participantes restantes (22,5%), estavam na faixa de 20 a 29 anos. Em relação à formação dos professores, a maioria dos entrevistados era graduada em Pedagogia, dois desses com complementação em filosofia e um em música, um professor é graduado em Ciência Biológica e todos possuem pós-graduação em Educação Especial.

Nesse sentido vale ressaltar que todos possuem pós-graduação em Educação Especial, requisito obrigatório para a atuação em Escola Especial. A Deliberação DELIBERAÇÃO N.º 02/03 aprovada em 2003, traz em sua seção II, acerca dos serviços e apoios especializados:

Art. 13 Para a escolarização de alunos com necessidades educacionais especiais deverão ser previstos e providos pela mantenedora, quando



necessário, os serviços de apoio por: Professor com habilitação ou especialização em Educação Especial [...] (PARANA, CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO, 2003).

As duas auxiliares de sala entrevistadas possuem formação em Auxiliar de Enfermagem e outra cursa o último período de Pedagogia.

Sobre o tempo de atuação na escola especial pesquisada notou-se significativa variação, de quatro meses a 20 anos de atuação e a maioria dos professores tinham menos de 5 anos de atuação, porém embora houvesse a diferença em relação aos anos de atuação na escola especial, o conhecimento sobre a atuação dos profissionais que compõem a equipe multiprofissional não sofreu alteração.

Em suma, na análise das respostas foi possível perceber que ambos compartilham das mesmas idéias acerca da atuação da equipe. Por exemplo, na questão referente sobre o que é uma Equipe Multiprofissional, todos os professores concordaram ser essa, composta por vários profissionais da área da saúde, que trabalham em prol de um objetivo comum, que é o melhor desenvolvimento das potencialidades de cada aluno.

As respostas obtidas nos questionários foram analisadas e são apresentadas integralmente no presente estudo. A fim de manter o sigilo ético dos nomes dos participantes, optou-se por denominar de *Entrevistado E-01, E-02, E-03, E-04, E-05, E-06, E-07, E-08 e E-09*.

A primeira pergunta do questionário abordava o sobre o conhecimento do que é uma equipe multiprofissional, e obtiveram-se respostas similares a essa:

“é uma equipe composta por vários profissionais da área da saúde sendo, psicóloga, fonoaudióloga, fisioterapeuta, terapeuta ocupacional, assistente social e psiquiatra” (E-01). “É um grupo que envolve vários profissionais/especialistas que trabalham juntos em busca de um ou mais objetivos em comum, no caso a melhora/instabilidade do paciente que é o aluno especial” (E-04). “Na APAE de Ibema, é um grupo de profissionais ligados à área da saúde e que trabalham nesta instituição tendo por finalidade ajudar no desenvolvimento neuropsicomotor e social dos educandos, facilitando a realização de suas atividades diárias e o processo de



ensino e aprendizagem. Na APAE de Ibema a equipe Multiprofissional é composta por seis profissionais graduados em Fisioterapia, Psicologia, Psiquiatria, Fonoaudiologia, Serviço Social e Terapia Ocupacional” (E-08). “é composta por diversos profissionais da área da saúde” (E-02).

É possível perceber que poucos professores se incluem como parte da equipe multiprofissional, e poucos relatam a inter-relação de saber entre eles, e principalmente as possíveis contribuições com o pedagógico.

Entende-se por equipe multidisciplinar um grupo de profissionais que visam um objetivo em comum, e para isso partilham da mesma metodologia, cada um desempenhando sua própria função articulando seus saberes, responsabilidades e resultados (ZURRO; FERREROX & BAS, 1991).

Outra questão abordava sobre o conhecimento que o professor tinha sobre o trabalho da Equipe Multiprofissional. Os dados obtidos nessa questão podem ser visualizados a seguir:

“sim, o básico da função de cada profissional” (E-01). “com certeza, são de extrema necessidade para o bom andamento dos nossos trabalhos com os alunos” (E-03). “Sim, e um excelente trabalho que procura fortalecer e humanizar a cada indivíduo” (E-06).

Percebe-se que embora os entrevistados referirem saber, nenhum descreve com exatidão sobre o trabalho desempenhado pela equipe no âmbito escolar. Apenas um entrevistado menciona não conhecer exatamente sobre o trabalho, relatando:

“Não com propriedade, sabe-se de qual é a área de atuação de cada uma delas e sobre qual área do desenvolvimento cada uma atua. No entanto não tenho conhecimento aprofundado sobre procedimentos ou o porquê de cada um deles mesmo percebendo e sabendo da importância para o processo pedagógico” (E-05).

A falta de conhecimento das delimitações de cada área de atuação profissional gera como conseqüência uma confusão de papéis das áreas envolvidas na intervenção multiprofissional. O estabelecimento de um efetivo diálogo entre profissões distintas é imprescindível para o êxito de uma intervenção com caráter



multiprofissional. Para tanto, a articulação entre diversas áreas de intervenção é fundamental para que se possa efetivamente apreender as diversas dimensões (sociais, econômicas, psicológicas, culturais, entre outras) de um determinado setor e, então, promover a adequada intervenção profissional (SILVA; OLIVEIRA; FIGUEIREDO, 2002).

Outro entrevistado relatou acompanhar o trabalho desenvolvido pelos profissionais da equipe, e preocupação da atuação com a integração aos aspectos pedagógicos, relatando:

“Acompanho o trabalho realizado pela equipe multiprofissional da APAE de Ibema que realiza o seu trabalho em atendimentos clínicos e pedagógicos dos pacientes com acompanhamento e integração destes. Realizam intervenções no processo de desenvolvimento, auxiliando os profissionais da área da educação (professores) para intervenções necessárias ao desenvolvimento dos educandos. Vejo na equipe a preocupação em contribuir para que o atendimento dos pacientes não seja apenas restrito aos procedimentos clínicos, mas principalmente, na integração com os aspectos pedagógicos do seu desenvolvimento” (E-08).

A fala deste profissional vai ao encontro com uma preocupação viva e emergente nos dias atuais, que se refere ao processo de ensino-aprendizagem dos alunos com necessidades especiais, que transcorre desde o modelo de ensino, a avaliação, e as possibilidades de desenvolver ao máximo as potencialidades dos alunos (BARROS, 2007; AGUIAR, 2005).

Ao serem questionados se o trabalho da Equipe Multiprofissional auxilia no processo de ensino-aprendizagem, todos os entrevistados concordaram positivamente, uns fazendo ressalvas: *“Sim, desde que equipe multiprofissional e professores trabalhem dentro de uma mesma linha de pensamento, pois um auxilia o trabalho do outro, contribuindo assim para o processo ensino-aprendizagem dos educandos” (E-01).*

Outros relacionaram com as dificuldades vividas em sala de aula: *“Sempre, já que estão constantemente interagindo, dialogando com a equipe pedagógica e professores da escola. Realizam intervenções que oferecem contribuições para o trabalho docente oportunizando ações que refletem-se no processo de ensino e de*



aprendizagem” (E-08). “Com certeza, é necessário que o aluno receba o atendimento individualizado e terapêutico, o que faz total diferença na sala de aula, por exemplo a criança que é agitada, nervosa, agressiva, após o atendimento ela volta mais calma, consegue realizar as atividades propostas com melhor desempenho” (E-04). “Não só auxilia como seria muito difícil perceber alguns resultados sem o auxílio da equipe multifuncional, uma vez que o auxílio das mesmas possibilita maiores resultados diante de limitações as quais somente com auxílio desses profissionais seria possível de resolver ou obter melhores resultados” (E-07).

Esses relatos apontam pra necessidade prática da articulação dos saberes, e demonstra que embora teoricamente os professores não saibam expressar seus conhecimentos sobre a atuação da equipe multidisciplinar, na prática eles sentem a necessidade dessa atuação, bem como a utilizam como auxílio nas dificuldades vividas devido as alterações dos alunos, que muitas vezes fogem da sua área de domínio.

A articulação e complementaridade das ações dessas áreas é premissa básica para a promoção da qualidade de vida desses indivíduos. No entanto, na prática cotidiana, observa-se, de modo geral, pouca integração entre os profissionais da saúde, de um lado (médico, assistente social, psicólogo, fonoaudiólogo, fisioterapeuta, terapeuta ocupacional), e os profissionais da educação (principalmente os professores), de outro, seja no que tange à prestação de serviços, seja às políticas públicas, ou à formação acadêmica e profissional.

Ao serem questionados sobre as possibilidades e limites na relação do trabalho da equipe com os professores, os entrevistados explanaram mais suas respostas, e em sua maioria concordaram sobre a necessidade e importância do trabalho da saúde e social ser articulado com o pedagógico.

“Acredito que uma das possibilidades para melhorar a relação no trabalho da equipe com os professores é a de que, deveríamos ter já previsto em calendário um momento de reunião pedagógica com a participação da equipe multiprofissional tendo em vista realizar os estudos de caso num espaço frequente e próprio para estes debates [...]. Um limite que percebo é a dificuldade de alguns profissionais



deixar a ideia de “gabinete” e atuar definitivamente interagindo com os casos no contexto real de aprendizagem e vivências. Outro limite é a carga horária restrita da Equipe Multiprofissional, pois quando estão cumprindo a carga horária de trabalho precisam tomar ciência dos fatos ocorridos nos dias em que não estiveram presentes e isso demanda tempo, diálogo e muitas vezes deixamos de fazer o trabalho necessário no atendimento ao educando\paciente[...] (E-08). “Possibilidades: um trabalho realizado em conjunto tem melhor resultado; Todos em busca do mesmo objetivo que é o bem estar do aluno, entre outros; Limites: o tempo é curto para que possamos sentar e discutir o caso, a dificuldade, o comportamento de cada um” (E-04). “Os limites seria o pouco tempo para se comunicarem. As possibilidades são inúmeras pois sempre que é colocado alguma dificuldade se percebe que procuram superar o amenizar, principalmente ao se tratar da família” (E-07). “quando os dois trabalham juntos, as possibilidades do trabalho surtir efeitos é maior, os professores devem interagir com as profissionais para dar continuidade ao trabalho delas em sala de aula, principalmente fisio e fono, pois ambas não estão na escola todo dia limitando assim o trabalho” (E-01).

Nessas falas, é possível perceber a confirmação de idéias com a questão anterior, e os professores relatam novamente sobre a importância da articulação de saberes na busca de melhores resultados para o desenvolvimento dos alunos. Também sentem a falta da presença diária desses profissionais na instituição, que no momento é inviável devido a baixa carga horária distribuída entre esses.

A última questão abordada no questionário era livre e interrogava se os professores gostariam e teria algo mais a falar sobre o trabalho da equipe multiprofissional ou dos professores em si. Algumas respostas podem ser visualizadas: *“Acredito que este é o caminho, a realização de um trabalho desenvolvido em conjunto com todos os profissionais interessados, na busca de um mesmo objetivo, que é o bem estar do aluno/paciente. [...] poderia haver mais oportunidades para trocas de ideais entre a equipe e os professores, pois há momentos em que surgem dúvidas e também precisamos de esclarecimentos, onde nem sempre o profissional está disponível para nos atender” (E- 04). “Quero dizer que acredito no trabalho coletivo, nos debates, no diálogo frequente. Acredito que*

ISSN 2318-759X



quando em unidade podemos interferir de forma mais efetiva e com resultados mais significativos para o desenvolvimento do indivíduo, sujeito da aprendizagem [...]. Precisamos uns dos outros para o sucesso no atendimento dos nossos alunos. Precisamos do apoio, da luta coletiva em favor daqueles que mais precisam de nossas intervenções para que possam ter melhores condições de uma vida com um mínimo de qualidade” (E-08). “O pouco tempo que se tem para fazer essas trocas de experiências e repasses de conhecimentos específicos de cada área principalmente da equipe multiprofissional para os professores os quais podem acrescentar e muito no processo pedagógico acaba ficando a desejar e se restringindo a conversas na porta da sala, intervalo ou corredores. Vale ressaltar que entendemos que ambos os horários são “cronometrados” e que dependemos de datas, calendários e etc” (E-05).

Essa questão final reforçou as questões anteriores, bem como a discussão realizada acerca das respostas, que demonstrou que os professores acreditam na importância da troca de saberes, e sentem a necessidade intensificação dessas práticas, bem como as dificuldades e limitações para a efetivação desta. Essas opiniões expressas aqui corroboram com a idéia de que tanto o professor quanto os demais profissionais inseridos na escola especial tem seu papel definido dentro do imenso universo de ações que é a educação (ZORZI, 2003; MORAIS, 2001). Por isso precisam trabalhar juntos numa relação de troca, com integração de conhecimento, visando o desenvolvimento dos potenciais máximos dos alunos e gerando condições de comunicação efetivas e satisfatórias, bem como resultados de aprendizagem com qualidade ao ambiente escolar. (BRASIL E CHIARI, 2006; MAAS, 2006).

Vale destacar que após a análise das respostas, constatou-se que os professores em sua maioria não explanam suas respostas nos questionamentos da pesquisa, limitando-se a dar respostas curtas e evasivas. Ou seja, quando lhe é dado uma oportunidade para falar, não possuem subsídio teórico, e conseqüentemente não conseguem perceber que uma pesquisa científica pode ser a origem de um clamor social que chegue ao poder público para programar mudanças no sistema.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa se propôs a verificar e analisar a percepção e conhecimento dos professores sobre a atuação da equipe multidisciplinar no contexto da Escola Especial. Foi possível observar no decorrer do trabalho que equipe multidisciplinar na educação é um assunto relativamente novo e a atuação profissional tanto de professores quanto dos sujeitos da equipe técnica mantém uma atuação individual por conta da própria formação recebida, o que dificulta uma visão mais abrangente de um trabalho cooperativo entre os diferentes profissionais.

As opiniões expressas sobre as contribuições, possibilidades e limites da atuação da equipe multidisciplinar nas intervenções cotidianas, demonstram a necessidade da existência de alguns diálogos entre os integrantes da equipe. Mas as interações observadas na prática ainda carecem de organização e sistematização, para que possam contribuir de modo efetivo no aprimoramento dos serviços ofertados pela equipe multiprofissional, como, por exemplo, a realização de encontros regulares para discussão sobre a intervenção promovida e os resultados alcançados, bem como para a melhora do desempenho do professor em sala de aula, possibilitando resultados mais eficazes.

O presente trabalho possibilitou a reflexão da prática profissional dos integrantes da equipe multidisciplinar da escola pesquisada, incluindo os professores, que possibilitará subsídios para implementação de práticas mais eficazes no trabalho com os alunos e na relação com os diferentes profissionais que atuam no mesmo espaço educativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Adriana Augusto Raimundo de. I congresso brasileiro de educação especial: PPGEs e ABPEE em parceria na retomada de um ideal. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília, v. 11, n. 2, Aug. 2005.

ALMEIDA, N. T. de et al. O serviço social e a educação. Rio de Janeiro. Em Fardo, Revista do Conselho Regional de Serviço Social – 7ª região, n. 3. 2006.



BARROS, Wanda Maria Braga. Educação especial e educação inclusiva: desafios para a construção do direito à educação. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília, v. 13, n. 2, Aug. 2007.

Bautheney. Katia Cristina Silva Forli. Transtornos de aprendizagem: quando "ir mal na escola" torna-se um problema médico e/ou psicológico. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, 2011.

BRASIL. Coordenadoria nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência. Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas especiais. In: Conferência Mundial sobre NEE: Acesso em: Qualidade – UNESCO. Salamanca/Espanha: UNESCO 1994.

BRASIL. Lei no 6.965, de 9 de dezembro de 1981: Dispõe sobre a regulamentação da Profissão de Fonoaudiólogo, e determina outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L6965.htm>. Acesso em: 17 de junho de 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CEB nº 2. Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Secretaria. 2001
BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

CONSELHO FEDERAL DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL. RESOLUÇÃO Nº. 80, DE 9 DE MAIO DE 1987. Baixa Atos Complementares à Resolução COFFITO-8, relativa ao exercício profissional do FISIOTERAPEUTA, e à Resolução COFFITO-37, relativa ao registro de empresas nos Conselhos Regionais de Fisioterapia e Terapia Ocupacional, e dá outras providências. 1987
Conselho Federal de Fonoaudiologia. Resolução CFFa nº 348. "Dispõe sobre a reedição do Documento Oficial 1, que passa a denominar-se "Áreas de Competência do Fonoaudiólogo no Brasil", e dá outras providências." 2007.

GEBRAEL, Tatiana Luísa Reis; MARTINEZ, Cláudia Maria Simões. Consultoria colaborativa em terapia ocupacional para professores de crianças pré-escolares com baixa visão. **Rev. bras. educ. espec.**, Marília, v. 17, n. 01, abr. 2011.

GIROTO, C. R. M. (Org.). *Perspectivas atuais da Fonoaudiologia na escola*. São Paulo: Plexus Editora, 1999.

MEIRA, Marisa Eugênia; ANTUNES, Mitsuko Aparecida. *Psicologia escolar: práticas críticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

MELO, F. R. L. V.; FERREIRA, C. C. A. O cuidar do aluno com deficiência física na educação infantil sob a ótica das professoras. *Rev. Bras. Ed. Esp.*, Marília, v.15, n.1, p.121-140, jan./abr. 2009



PARANA. CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO. Deliberação n. 2/03 de 2 de junho de 2003. Normas para a Educação Especial, modalidade da Educação Básica para alunos com necessidades educacionais especiais, no Sistema de Ensino do Estado do Paraná. Curitiba, 2003. p. 1-11.

PENA, F.F.; ROSOLÉM, F.C.; ALPINO, A.M.S. Contribuição da fisioterapia para o bem-estar e a participação de dois alunos com distrofia muscular de Duchenne no ensino regular. *Rev. Bras. Ed. Esp.*, Marília, v.14, n.3, p.447-462, set./dez. 2008.

SARAIVA, L.L.O.; MELO, F.R.L.V. Avaliação e participação do fisioterapeuta na prescrição do mobiliário escolar utilizado por alunos com paralisia cerebral em escolas estaduais públicas da rede regular de ensino. *Rev. Bras. Ed. Esp.*, Marília, v.17, n.2, p.245-262, maio/ago. 2011.

SILVA, N.E.K.; OLIVEIRA, L.A.; FIGUEIREDO, W.S. *Limitations of multiprofessional work: a case study of STD/AIDS reference centers.* Revista Saúde Pública, Aug. 2002, vol.36, no.4, suppl, p.108-116.

SILVA, S.M.; SANTOS, R.R.C.N.; RIBAS, C.G. Inclusão de alunos com paralisia cerebral no ensino fundamental: contribuições da fisioterapia. *Rev. Bras. Ed. Esp.*, Marília, v.17, n.2, p.263-286, maio/ago. 2011

ZURRO, A. M., FERREROX, P., BAS, C. S. A equipa de cuidados de saúde primários: manual de cuidados primários, Lisboa, Farmapress Edições, 1991.